

ANUÁRIO DE LITERATURA

BEIRAL

DE EXÍLIO, SAUDADES E AFAGOS

Jurema Chagas[1]

RESUMO: Este ensaio propõe uma reflexão sobre as narrativas encontradas em dois blogs escritos por mulheres brasileiras que deixaram o Brasil para morar em outros países com seus respectivos noivos que depois tornaram-se maridos estrangeiros. Pelo que se pôde perceber nas narrativas encontradas em *posts* e comentários dos blogs analisados, além de buscar o amor, elas também foram em busca de oportunidades e novas experiências de vida, seguindo um movimento peculiar desta época e ditado pelas condições do dinâmico e instável existir contemporâneo. Procurou-se analisar tais escrituras sob os feixes teóricos oferecidos por Said, Hall e Shohat a respeito de noções como pátria, exílio e diáspora.

PALAVRAS-CHAVE: blog, pátria, exílio.

ABSTRACT: This essay analyzes the narratives found in two blogs written by Brazilian women that left Brazil in order to live in other countries with their foreign fiancés who became their future husbands. Following a common movement of this period that is dictated by the dynamic and unstable conditions of contemporary existence, one can deduce from the posts in their perspective blogs that besides love these women were also in search of increased opportunities and new life experiences. This essay analyzes these narratives based on the theoretic perspectives of Said, Hall and Shohat with respect to the ideas of patriotism, diaspora and exile.

KEYWORDS: blog, patriotism, exile

Pátria minha
A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades de minha pátria.
Se me perguntarem o que é a minha pátria direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
[...]

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz
À espera de ver surgir a Cruz do Sul
Que eu sabia, mas amanheceu...
[Vinicius de Moraes]

Qual hino de afago a expatriados, o poema de Vinicius de Moraes tem embalado a escrita em muitos blogs[2] de homens e mulheres que deixaram o Brasil em busca de novos horizontes e oportunidades em diferentes países.

Os blogs pessoais são espaços privilegiados de escrita de si na Era da Informação[3] e representam uma espécie de “colo” a dar abrigo sob ouvidos atentos no imensurável espaço cibernético, permitindo uma importante veia em que circulam diferentes emoções e saudades que a experiência de deixar a terra natal e viver em outro país oferece. Um simples passeio pela *Web*[4] pode nos presentear com um universo de blogs escritos por pessoas que estão vivendo em outros países e escolheram esse novo diário para narrar suas aventuras e desventuras.

Para esses e essas, o blog tem servido como espaço de reificação do “eu”, marcado pela diferença com o “outro” do novo lugar, mas também como uma ponte que permite ao/a narrador/a certo conforto na sensação de manter vínculos com os parentes e amigos deixados para trás. Os sentimentos que perpassam a experiência, mediados pelo computador, pela palavra e por fotos podem quase ser sentidos repetidamente ao se ler um *post*[5], ao se visitar um fotolog[6], ou se abrir um *link*[7].

Neste trabalho[8], dedico-me a analisar dois blogs de autoria declaradamente feminina. Justifico minha opção por apresentar o tema sob um recorte de gênero tendo em vista que são nos blogs escritos por mulheres que o assunto é abordado com maior frequência. São mulheres brasileiras que resolveram deixar o Brasil para morar em outros países com seus respectivos namorados, noivos, companheiros ou maridos estrangeiros. São elas que fazem de seus blogs um repositório das experiências vividas em terra estrangeira, num permanente esforço por encontrar referências de si em culturas tão diversas. Em suas narrativas, o gosto pelo passado aparece imiscuído nas novas experiências e é da memória que elas tiram o calor necessário para enfrentar as paisagens geralmente mais frias do que aquelas que ainda dão conforto ao olhar tão acostumado às arenas tropicais. A falta que sentem da família e das coisas deixadas no passado é assunto recorrente nesses discursos auto-referentes. Diante da tela que se abre, generosa, abundam as escritas que confessam saudades:

[...] Saudades da família. Eu quero a minha mãeeeeeeeeee! [sic] Sim, tenho saudades da minha mãe, do seu colo macio, do seu olhar meigo, a minha mãe parece uma bonequinha, ela é pequena e magrinha. E muito simples, isso eu herdei dela, as atitudes simples e sem complicações perante a vida. Saudades dos amigos, do trabalho, das ruas do Rio. Enfim isto dói. (Escrito por Luciana @ [sic] 28/07/2004 20:39). [9]

Seas saudades parecem repousar apenas na ausência sentida das pessoas, espaço destinado a descrever e a lamentar a falta igualmente intensa é dedicado também ao país. *A canção do exílio*, escrita por Antônio Gonçalves Dias em Coimbra nos idos de 1.843 — parodiada por Murilo Mendes, 87 anos depois — é ainda o principal poema utilizado para ilustrar a lembrança idílica da pátria deixada para trás. Isso se pode ver nos escritos da

blogueira carioca Luciana, acima citada, que há três anos vive na França e mantém o blog *bonheur.clarence*, no qual admite:

(...) A primeira vez que viajei para fora do Brasil, eu fui a um paraíso chamado Nova Zelândia. Definitivamente, é um paraíso. Fiquei dois meses. Quando eu voltei, e a primeira vez que olhei a praia de Copacabana, aquela areia, aquelas cores, eu pensei, com lágrimas nos olhos: **P*, isto aqui é muito lindo, não tem lugar onde exista uma mistura tão perfeita de cores e paisagens como aqui... E a temperatura?? E a areia!**[10]

Apesar de o exílio ter sido criado como uma punição política contemporânea, como lembra Edward Said (2003), o que vemos na *Web* é um novo movimento de exílios voluntários. A narrativa encontrada nesse blog remete à reflexão dessa proposta, quando a narradora e personagem encarna o sentimento de inquietude do/a emigrado/a e manifesta sua certeza de que, mesmo que voltasse a viver no Brasil, nada seria como antes ou estaria como ela havia deixado:

[...] Comecei a pensar em mim, a verdade é que o país que eu deixei não existe mais! As coisas mudaram meus amigos, minha casa... tudo! Isso dá medo... Ele (o francês) pensava numa França que não existe mais e eu... penso num Brasil que é quase certo não existir mais também. (Escrito por Luciana @ [sic] 26/07/2006 12:37).[11]

A sensação de exílio, de coisa querida deixada para trás, misturada a tantas outras sensações que os inúmeros choques culturais proporcionam na terra estranha, inevitavelmente passa a ser vivida, sentida no dia-a-dia, o que aguça ainda mais o sentimento de perda irre recuperável. A exilada sabe em seu íntimo que mesmo voltando ao local da cena vivida na terra preterida, nada mais será igual, nada está lá como antes, a sua espera. Essas mudanças abrem lacunas de afastamento do universo de referências e passam a formar uma vida de ausência, de intervalo. As noções de tempo e lugar perdem a nitidez, confundindo o passado e o presente, sobrepondo o país de origem ao de destino, num esforço para manter o que não existe mais, mesmo que apenas na lembrança. Na impossibilidade de realizá-lo, resta a angustiante sensação de tempo, de coisa perdida, como explica Iain Chambers:

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e “autenticidade”, pois há sempre algo no meio (*between*). Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem. (CHAMBERS apud HALL, 2003, p.27).

O desconforto de sentir-se estrangeiro na nova terra parece caminhar de mãos dadas com a sensação de não poder voltar à cena primária de suas lembranças, de que fala Chambers. Embora referir-se a raízes faça o ser humano parecer um legume, fixado na terra, é a sensação de estar fincado num lugar que alimenta o sujeito do sentimento de aconchego, conforto, pertencimento. Tudo o que na verdade falta quando se está em outra terra. Algo que pode ser explicado como a sensação de puro desenraizamento, de instabilidade associada ao estranhamento diante dos costumes da nova sociedade na qual o sujeito tenta ambientar-se. O exílio, que é a expulsão violenta do indivíduo de suas condições originais, ou mesmo na condição de exilado por vontade própria, pode vir a ser uma oportunidade criativa, como no caso dos blogs em estudo, mas, mesmo assim, não deixa de ser uma experiência em alguma medida dolorosa. São inúmeros os angustiantes choques culturais que representam um grande desafio para a blogueira, como pode ser identificado neste outro *post*, em tom de desabafo:

Segundo desafio: Costumes, o que vestir, o que falar. Aqui, parece que tudo é proibido. As flores lindas da cidade você não pode nem tocar. Bicicleta tem umas ciclovias com senso de direção e se você quer ir no [sic] outro senso, é proibido, um saco. Tem algo que não é proibido aqui??? Sobre falar: Você não pode e nem deve falar da sua vida para todo mundo aqui. E também fazer piadas, falar besteiras, você precisa ter uma postura com as pessoas que você lida tanto no trabalho como na sua vida "dita" social e eles separam praticamente totalmente [sic] o negócio trabalho-prazer-amizade. Pode ocorrer o caso de você ter amigos no trabalho, mas é raro. O individualismo é grande e normal. O círculo de amigos-para-falar-besteiras-e-rir-até-cair é restrito.[12]

Na ânsia de situar-se no novo "mundo", onde sequer se sente acolhida, pois está distante do âmbito conhecido e familiar e ainda fortemente presa aos fios das saudosas memórias, blogueira e leitores/as vêem crescer os arroubos de nacionalismo. Um querer sentir-se parte de algo maior, uma sensação de pertencimento que lhe falta e que a escrita, de algum modo, restabelece:

Ainda no quesito saudade: Brasil, minha terra!!! Hino nacional. A primeira vez que ouvi o hino do Brasil aqui, Deus, me deu um negócio, um aperto no coração, uma mistura de choro, de emoção e alegria. Eu não posso explicar direito, mas eu senti que aquilo fazia parte de mim mesma, era uma coisa que nunca iria sair, ninguém pode arrancar. (...) E olha gente, temos que ter orgulho do nosso país, o povo aqui com os recursos que eles têm, poderiam fazer muito mais e nós podemos "se virar nos trinta" com maestria. E somos bastante informados, antenados no mundo, enquanto eles... tem gente que nem sabe que língua se fala no Brasil. Tudo bem, eu também não sei que língua se fala no Burundi, ou sei lá onde, mas só que o Brasil não é um Burundi da vida, ele é um gigante e uma potência econômica, com grandes chances de crescer, se a corrupção deixar...[13]

O amor declarado ao país, à terra natal, faz parte da sensação de pertencimento tão cara a quem viaja e é desse material que se nutre o nacionalismo. Segundo Said, nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. "Ele afirma que a pátria é criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos" (SAID, 2003, p. 49).

Das vertentes da memória — instrumento e artifício que contribui para a manutenção das representações culturais dessas "sociedades imaginadas", amparando-me na expressão de Said — deságua nas escritas dessas blogueiras, uma espécie de desejo de contar e recontar histórias de suas lembranças público-privadas, com ou sem "feridas escondidas" devido à classe, raça, gênero e sexualidade, de suas "pátrias evasivas" (SHOHAT, 2002).

As "reflexões sobre o exílio" aparecem também no blog *Síndrome de Estocolmo*[14], escrito pela blogueira brasileira Denise Arcoverde, em que ela apresenta suas próprias reflexões sobre o tema, em clara alusão à teoria de Said:

Edward Said, diz que "o exílio nos compele, estranhamente, a pensar sobre ele". Não é só um rótulo, é uma condição que lhe acompanha o tempo todo e você não consegue se desvincular ou desvincular a realidade ao seu redor do fato de que, além de tudo que você é você agora também é um (a) imigrante. (...) A partir do momento em que você se decidir a mudar para outro país, saiba que, em algum momento, de alguma forma você, provavelmente, vai se sentir vítima de algum tipo de discriminação. Mais em alguns lugares, menos em outros; algumas pessoas sofrem mais, outras menos; mas sempre haverá uma diferença entre você e os "nativos".[15]

Ao mesmo tempo em que a blogueira se debate com a sensação de perda por estar longe de casa, do lugar onde se reconhecia, do lugar familiar onde se sentia segura,

tranqüilizada, pois a casa é esse “algo” que mesmo não mais existindo permanece vivo na memória, ela se depara com o novo e se sente discriminada, pois o que vê “lá fora” é inabitual, estranho, incômodo. Tudo o que parece familiar reflete nossa própria face. O confortável parece bonito, já aquilo que é diferente, inusual, causa desconforto. Trata-se de um perecimento aliado ao desconforto frente à condição de estrangeiro o que ronda as narrativas de ambas blogueiras e dos/as internautas que comentaram o *post* de Arcoverde sobre o assunto:

Mais uma vez, fico feliz em ler suas reflexões. Mesmo que eu discordasse, elas são postas de modo tão lúcido e tão claro, que você acabaria me convencendo :). (...) Discriminação vai existir sempre. (...) Nem falo do nosso caso, pelo menos aqui na Itália brasileiro é quase sempre muito bem acolhido. Mas para albaneses e africanos a coisa é dura. Até porque, a Itália não tem todo esse sistema de integração. Nada aqui é de graça, para imigrante então... Nenhum curso de idioma ou incentivo do governo, com exceção de algumas poucas regiões do norte. Quase sempre quem tem incentivos são os "cidadãos italianos". Os únicos direitos universais são educação e saúde, independentemente de situação regular ou não. Claro que eu fico chateada quando dizem absurdos sobre **o meu país**, ou quando alguma vendedora me olha estranho, ou quando as meninas apontam minha filha na rua, ou quando insinuam que eu sou a babá dos meus filhos (!). (...) beijins!! [sic] [Julie \(Itália\)](#) em maio 9, 2004 12:01 AM[16]

Nas narrativas analisadas, o sentimento nacionalista parece inspirado numa pátria de grandeza e beleza do mesmo teor daquela decantada por Vinicius de Moraes, no poema citado no início deste texto. Uma terra de belezas singulares numa geografia privilegiada, mas não o suficiente para embotar ou amenizar a lembrança dos problemas deixados para trás, ainda e sempre rememorados em depoimentos e comentários postados por leitores/as. A blogueira Luciana sente-se compelida a fazer uma comparação em relação ao trabalho: “Hoje eu pensei como tenho sorte de poder ter 2,5 meses de férias assim! No Brasil quando trabalhava, pra [sic] tirar férias de mais de uma semana era um sufoco, stress até o teto pra arrumar uma data... Enfim, passado, bem lá no passado.”[17]

Em busca do amor

Mais do que as saudades da terra natal, os nacionalismos ou as preocupações com o mercado de trabalho, um aspecto em especial parece ter movido essas blogueiras a deixar o país e mesmo a escrever um blog. Trata-se do encontro com o amor, um sentimento perante o qual elas se sentem simultaneamente familiares e estrangeiras, solitárias e entregues, solidárias e egoístas.

No *link* sobre si é assim que a blogueira Luciana se apresenta: “Meu nome é Luciana, nasci no Rio de Janeiro. Troquei o Brasil pela França por causa do amor. Adoro comer lasanha, a comida da minha mãe, cozinha francesa, japonesa, e agora, a comida de meu marido. Adoro dançar...”[18] Luciana, embora observe que o período de adaptação reserve suas dificuldades, procura resumir em palavras sua convicção de ter tomado a decisão certa em nome do amor: “Ser imigrante não é fácil [...]. Estar no período de adaptação não é mole. Existem dias que você se pergunta se fez mesmo a escolha certa. (no meu caso, eu olho pro chuchu[19] e penso, sim, eu fiz a escolha certa... meu fofinho, lindo!).”[20]

A blogueira Denise Arcoverde também declara seu amor a um estrangeiro no espaço de apresentação, no qual diz ter sido “seqüestrada” (não no sentido estrito da palavra) pelo marido sueco:

Eu sou **Denise Arcoverde**, tenho 42 anos e, depois de muita insistência, **Ted**, meu marido, me "sequestrou" e levou para viver com ele em Estocolmo, na Suécia. O destino nos trouxe pra Washington, DC, nos EUA, onde vivemos hoje, muito felizes, com minha filha **Beatriz** e o filho de Ted, **Felix**. Por coincidência, os nomes dos dois significam "felicidade" e é isso que temos em nossa casa.[21]

Arcoverde, que tem história em movimentos sociais no Brasil e milita pela amamentação infantil há anos, criou blog e desenvolveu *sites* sobre o tema (segundo seus próprios relatos no blog); conta que não hesitou em trocar o Brasil pela Suécia para ficar ao lado do marido. O *post casando com estrangeiros*[22] no qual Arcoverde dá conselhos e dicas para mulheres que deixaram o país para irem morar na terra de seus amores estrangeiros, suscitou 81 comentários de internautas com o desejo de falar sobre suas próprias e semelhantes experiências:

Concordo contigo e não abro! Com exceção do blog, que eu não tenho, faço exatamente o que vc [sic] disse nos seus tópicos. Sou muito feliz na Alemanha ao lado do meu amor! :-) Manu em março 11, 2004 02:27 PM [...] Mas vim aqui para falar da sua lista, não da minha saudade. Os três tópicos de que mais gostei foram o 15, o 16 e o 17. Respeito demais a mentalidade do meu marido norte-americano e não fico fazendo comparações sobre como uma determinada situação seria se estivéssemos no Brasil. Por outro lado, ele respeita muito meu país de origem (exceto quando falamos de futebol, porque aí ele tira da manga a herança italiana e a gente tem aquela briguinha gostosa...) e pensa em morar lá quando se aposentar, daqui a uns trinta anos! [...] [Rafaela Lombardino](#) em março 11, 2004 05:41 PM Denise, amei o teu post!! Faça minhas as tuas palavras!!!!

Como você, tb [sic] vim parar aqui por amor, e não foi a primeira vez. Só que na primeira vez, eu me deixei levar pela amargura da saudade, pela solidão e acabei boicotando meu casamento. A única coisa que eu queria, era voltar para o Brasil e me arrependi rapidinho. A vida me deu outra oportunidade, conheci uma pessoa maravilhosa e não vou deixá-lo escapar por nada nesse mundo. Tb acho que temos que respeitar o lugar onde vivemos e tentar sacar o máximo partido de todas as coisas positivas que tem. Hoje penso como será maravilhoso passar as minhas férias no Brasil, matar as saudades, comer as coisas maravilhosas que aqui não tem, mas tudo será melhor e mais gostoso. Acho que temos de esforçar-nos, integrar-nos, tentar aprender o idioma da melhor forma possível, de preferência que nem se note o sotaque, mostrar pra todos que somos (...) tão inteligentes e capazes como qualquer "nativo" e muitas vezes mais ainda!rs. Uma das melhores coisas que temos hoje em dia é a Internet. Sinto muito menos a saudade, a solidão hoje, porque tenho uma janela para o mundo aqui, bem na minha frente. Sei o que anda passando no Brasil, recebo notícias dos familiares e amigos cada dia, faço novos amigos... Isso é impagável! Beijo super grande e, parabéns, foi uma delícia passar por aqui hoje... [Virginia - Espanha](#) em março 11, 2004 05:51 PM

Considerações finais

O que podemos apreender das narrativas analisadas dessa nova onda de expatriadas é um esforço dos sujeitos em ascender um sentimento de pertencimento ao novo local, contrariando o diagnóstico de Said, de que “agarrando-se à diferença como a uma arma a ser usada com vontade empedernida, o exilado insiste ciosamente em seu direito de se recusar a pertencer a outro lugar” (SAID, 2003, p.55). É lá na nova terra que essas mulheres estão tentando se situar e se constituir como sujeitos de uma nova história, com

independência emocional e financeira. Embora sofram dissabores na terra estranha e padeçam as saudades de uma vida feliz deixada para trás, é uma nova condição de independência o que elas estão buscando. Trata-se aí de uma apropriação positiva do banimento voluntário contra o mero "sofrimento" da condição de exiladas. É delas próprias o esforço para sentirem-se integradas ao novo ordinário e habitual, mesmo contra toda a frieza e às vezes pouca hospitalidade da nova terra. Vê-se, na verdade, uma lógica que promove o exílio, um exílio dolorosamente delicioso e desejado.

Os blogs, por sua vez, agora ocupam o lugar dos antigos cadernos e agendas abrigando os relatos dessas viagens, enriquecidos por registros multicoloridos de recursos infinitos em texto, ilustrações e fotos digitais. Trata-se de um novo arcabouço da linguagem para os registros de um eu também múltiplo, multifacetado, performático de eus construídos dia após dia, a cada nova experiência, a cada novo olhar, a cada troca, a cada novo texto postado. São eus coerentes com a era em que vivemos, sem uma identidade fixa, essencial ou permanente, cuja subjetivação instável decorre do processo de transformações das paisagens sociais, estruturais e institucionais emanadas pelo ambiente social e pelos diversos "centros de poder" que os cercam. É assim que concebo o sujeito contemporâneo desses blogs, como essa "celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais é apresentado, representado ou interpelado nos sistemas culturais que o rodeiam" (HALL, 1987, p. 13), e muito especialmente como uma *celebração móvel* que se dá no meio virtual.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede. Trad. Roneide Venâncio Majer. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1).* 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *O poder da identidade. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 2).* 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Fim de milênio. Trad. Klaus Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 2).* 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações culturais.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SHOHAT, Ella. *A vinda para a América: reflexões sobre perda de cabelos e de memória.* Revista de Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC, 1999.

Sítios Consultados e Citados:
http://www.google.com.br_consultas_realizadas_de_16_a_25_de_setembro_de_2006.
http://bonheur.clarence.com_consultas_realizadas_de_16_a_25_de_setembro_de_2006.
http://www.sindromedeestocolmo.com_consultas_realizadas_de_16_a_25_de_setembro_de_2006.

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura — UFSC, integrante do Grupo de Pesquisa do Instituto de Estudos de Gênero e do Núcleo de Pesquisa em Literatura e Memória — UFSC.

[2] A palavra blog é uma contração da palavra *Weblog*, termo inglês que significa diário de bordo.

- [3] O sociólogo espanhol Manuel Castells, autor da trilogia *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (2005), explica a Era da Informação como este tempo que vivemos, de ritmo cada vez mais acelerado de descobertas e inovações tecnológicas cujos efeitos refletem-se na cultura, na vida urbana, na política global e na natureza do tempo.
- [4] *Web* é uma forma reduzida da expressão WWW — *World Wide Web* — que significa teia, rede mundial de computadores.
- [5] *Post* é como se chama o texto depositado diariamente ou regularmente pelo sujeito que escreve um blog.
- [6] Fotolog é a página pessoal criada na *Web* especialmente para a disponibilização *online* de fotos.
- [7] *Link* é um termo inglês que significa ligação, elo.
- [8] Cujo material integra o objeto da pesquisa que realizei no curso de Mestrado em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC.
- [9] Luciana. Bonheur. Disponível em: <<http://bonheur.clarence.com/archivi/2004-07-01.html>>. Acesso em 21.09.2006.
- [10] Idem. grifo da autora.
- [11] Luciana. Bonheur. Op.cit.
- [12] Idem. Escrito por Luciana @ 28.07.2004 20:39.
- [13] Ibid. Destaque da autora.
- [14] <http://www.sindromedeestocolmo.com/archives/2004/05/reflexoes_sobre_1.html>. Acesso em: 23.09.2006.
- [15] Idem
- [16] Ibid. Grifo meu.
- [17] Disponível em <http://bonheur.clarence.com>. Acesso em 21.09.2006.
- [18] Ibid.
- [19] “Chuchu” é como a blogueira chama o esposo francês.
- [20] Ibid.
- [21] Disponível em http://www.sindromedeestocolmo.com/archives/2004/03/saudades_do_bra.html. Acesso em 23.09.2006. Grifo da autora.
- [22] Disponível em http://www.sindromedeestocolmo.com/archives/casada_com_estrangeiro/index.html.
15. Lembre que você não está sozinha e seu mau humor vai contaminar os outros. A maioria de nós, pelo que percebi nos blogs, veio parar aqui por AMOR. Viemos por que quisemos, eles (ou elas) podiam ter mudado pro Brasil, mas, nesse momento, decidimos que a melhor opção é viver fora do Brasil. Então, respeite a pessoa que você ama, respeite sua cultura, suas tradições, seu país. Evite conflitos do tipo "se eu estivesse no Brasil seria diferente". Pode ser um atalho pro amor ir embora. Ah, e exija respeito com o Brasil também!